

A Ortografia da Língua Awetí

Novembro 2007

SEBASTIAN DRUDE

Doutor em Lingüística pela Freie Universität Berlin

Com mestrado em Antropologia Latino-Americana e Lingüística

Pesquisador visitante no **Museu Paraense Emílio Goeldi** / MCT, Belém – PA

Bolsista no Programa de Desenvolvimento Científico Regional do CNPq / Pará

WARANAKU AWETI

Estudante do 3º Grau Indígena da **UNEMAT**

Magistério pelo Curso de Formação dos Professores Indígenas do Xingu (ISA)

Professor da escola Awetí no Parque Indígena do Xingú, Gaúcha do Norte – MT

AWAJATU AWETI

Formado no Curso de Formação dos Professores Indígenas do Xingu (ISA)

Professor da **escola Awetí** no Parque Indígena do Xingú, Gaúcha do Norte – MT

A Ortografia da Língua Awetí

SEBASTIAN DRUDE, WARANAKU AWETI, AWAJATU AWETI

Novembro 2007

Resumo (147 palavras):

Este trabalho descreve e fundamenta a ortografia da língua Awetí (Tupí, Alto Xingu / MT), com base na análise da estrutura fonológica e gramatical do Awetí. A ortografia é resultado de um longo trabalho colaborativo dos três autores, iniciado em 1998.

A ortografia define a representação não apenas das vogais e das consoantes da língua, como também da variação interna, ressilabificação, lenição, palatalização e outros processos (morfo-)fonológicos. A representação escrita da oclusão glotal foi objeto de atenção especial bem como as conseqüências ortográficas da harmonia nasal.

Apesar de que o acento lexical não seja marcado em Awetí, a grande maioria dos afixos e partículas é abordada considerando o acento e sua interação com morfemas adjacentes, ao mesmo tempo determinando as palavras ortográficas.

Finalmente foi estabelecida a ordem alfabética, onde dígrafos são tratados como seqüências de letras, e a glotal (') é ignorada, facilitando o aprendizado do Awetí.

6 Palavras chaves:

Awetí

ortografia

escrita

alfabeto

fonologia

processos morfo-fonológicos

O texto tem...

... 22 páginas + 1 página de referências,

... ca. 7300 palavras e ca. 45.000 caracteres (incluindo os espaços),

... ca. 430 palavras e ca. 2750 caracteres (inclusive espaços) em 10 notas de rodapé.

A Ortografia da Língua Awetí

SEBASTIAN DRUDE, WARANAKU AWETI, AWAJATU AWETI

1. Introdução

Este artigo descreve pela primeira vez as regras e convenções da representação escrita da língua Awetí (Tronco Tupí, falada no Parque do Xingu, Mato Grosso). Ele é fruto de pesquisa colaborativa do autor principal, Sebastian Drude, com especialmente os dois professores Awetí, co-autores deste trabalho, Waranaku Aweti e Awajatu Aweti, e é baseado em nove anos de estudo lingüístico realizado por S. Drude.

Em 1998, quando S. Drude visitou a aldeia pela primeira vez, os Awetí já tinham dado os primeiros passos na escrita da sua língua, usando uma proposta inicial de Ruth Monserrat que estudara a língua no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 (cf. Emmerich & Monserrat 1972, Monserrat 1976). Nos anos 90 o Instituto Socioambiental (ISA) começou um projeto de formação dos professores do Parque Indígena do Xingu, e neste contexto pediu a cooperação de Ruth Monserrat, que contribuiu com uma tabela em que cada som identificado é relacionado a uma letra ou a um dígrafo (Monserrat 1992).

A proposta deste alfabeto (mais exatamente, desta relação fonema – grafema) continua, em geral, válida até hoje. Porém, uma ortografia tem, além desta relação, muitos outros problemas a serem solucionados, como queremos demonstrar neste artigo. Estamos apresentando as regras às quais chegamos até agora. Diferentemente dos casos discutidos por Meira (2004) e Franchetto (no prelo) e tantos outros, temos aqui um caso feliz (e raro) em que a introdução da escrita vem sendo acompanhada pela assessoria de lingüistas treinados que se dedicaram e dedicam ao estudo da língua, e onde não tem ortografias inadequadas previamente estabelecidas e/ou concorrentes.

Os Awetí solicitaram o apoio de S. Drude, em 1998, principalmente porque precisavam de consultoria para introduzir a escrita da língua. Como eles mesmos explicaram, a tabela do alfabeto Awetí não era o suficiente para escrever com segurança, e havia muitas dúvidas ao se redigir frases e textos inteiros. Esclarecer e solucionar estas dúvidas foi um longo processo colaborativo. Logo nos primeiros anos identificamos várias partículas (clíticos) que antes muitas vezes eram escritas juntas com a palavra anterior (isto aparentemente é bastante comum; em muitas línguas o que a primeira vista

parecem ser sufixos revelam-se depois serem partículas). Também discutimos bastante, em 1998 e 1999, como escrever as consoantes no final de morfema que podem sofrer lenição e que correspondem em sua nasalidade e oralidade com as vogais anteriores.

Assim, juntos estabelecemos as regras descritas abaixo aos poucos, primeiro somente nós três, depois incluindo as opiniões e os questionamentos feitos por parte dos primeiros alunos que foram sendo alfabetizados em Awetí.¹ A partir de 1999, a escrita e a alfabetização na língua em princípio já se baseavam na maioria das regras aqui descritas. Estas foram refinadas e completadas nos anos 2001–2005 durante o projeto de documentação da língua dentro do programa DOBES (documentação de línguas ameaçadas, da Fundação Volkswagen). Existe, hoje, um corpus de quase 40 horas de textos transcritos na ortografia. Na criação deste material participaram no final do projeto seis Awetí, especialmente os dois co-autores deste trabalho e Tawyjat Awetí. Este projeto colaborativo proporcionou inúmeras oportunidades para discutir dúvidas de como escrever mais apropriadamente em Awetí e para refinar as regras da ortografia.

Neste processo, o autor principal sempre procurou exercer o papel do assessor que explica o que entendeu sobre o sistema da língua, coletando e expondo as possíveis representações na ortografia, e dá a sua opinião sem a impor aos falantes nativos. O objetivo foi que estes fizessem suas escolhas, mas não de maneira aleatória ou inconsistente, mas bem informados e cientes das opções e suas conseqüências. Nem sempre a solução inicialmente sugerida pelo lingüista foi adotada, e quando isto aconteceu, usualmente a discussão sobre este ponto da fonologia e ortografia foi muito frutífera para nós três, pois aprendemos mais detalhes sobre a estrutura da língua. Concordamos que, quanto mais a ortografia estiver baseada no conhecimento da estrutura da língua, mais apropriada e mais fácil de se entender e se ensinar ela será.

Elaboramos o presente artigo juntos durante uma estadia dos dois co-autores na casa do autor principal em Belém em finais de outubro 2007. Para isto, recapitulamos primeiro os fatos e as regras. Em seguida S. Drude formulou uma proposta para o texto deste

¹ Existe uma cartilha (Troncarelli et.al. 2002) na produção da qual o ISA contou com a colaboração dos três autores deste artigo. Porém, a edição da cartilha foi finalizada antes que a ortografia se consolidou suficientemente e, por isso, a cartilha contém inconsistências (internas e com as regras descritas neste artigo), e acabou sendo não muito utilizada na escola Awetí.

artigo, e este foi lido (explicando a terminologia especializada), e discutido e aprovado entre nós três.²

Há várias questões que, pelos fatos subjacentes da língua, permitiriam, aparentemente, diferentes soluções. Tentamos aqui, nestes casos, justificar e ilustrar aquela que adotamos por acharmos ser a mais apropriada. Porém, tanto estudos mais profundos da fonética e da fonologia, em curso e futuros, quanto a aplicação das regras em sala de aula poderão trazer, eventualmente, novos argumentos a serem considerados e que poderão, em um ou outro caso, mostrar que há outras soluções melhores. Esperamos, no entanto, que o que nós apresentamos no que segue passe pelo teste do tempo e se consolide com o uso.

Além do princípio de representar na escrita, sempre que possível e praticável, um fonema pela mesma letra (ou combinação de letras), há um outro princípio que procuramos seguir. Este é o ‘princípio morfemático’, que visa a constância da grafia de raízes e afixos (dos morfemas). Isto quer dizer que, se há, num certo contexto, mais do que uma opção de escrever um morfema, é preferível escrevê-lo da mesma forma como em outros contextos, o que vai facilitar o reconhecimento dos morfemas e a absorção direta do conteúdo na leitura.³

Procuramos nos eximir de um elevado nível técnico neste texto, para facilitar a recepção e aplicação da ortografia por não-lingüistas. De fato, a discussão deve ser de interesse mesmo para não-lingüistas e para pessoas que não pretendem aprender o Awetí, servindo como um exemplo e mostrando o espectro dos tópicos a serem considerados.

² Agradecemos a todos que participaram das discussões sobre a ortografia nestes anos todos, especialmente a Tawyjat Awetí e a Sabine Reiter, e agradecemos a esta última e principalmente a Bruna Franchetto e Ana Carolina Ferreira Alves pelas suas sugestões para melhorar este documento. Algumas partes do texto e a sua redação final foram terminadas depois da partida dos dois professores Awetí. Por isso, o autor principal se responsabiliza sozinho por quaisquer eventuais defeitos deste trabalho.

³ Este princípio morfemático foi identificado (p.ex. sob o nome de ‘*Morphemkonstanz*’) no estudo da escrita do Alemão pelo menos desde o início dos anos 1980, cf. p.ex. Eisenberg 1983, Fuhrhop 2005.

2. A representação das vogais

2.1 Representação básica

A língua Awetí tem seis vogais básicas,⁴ /i, ɨ, u, ε, ɔ, a/, que são representadas cada uma por uma letra do alfabeto latino: {i, y, u, e, o, a}, respectivamente. Aparentemente, somente a representação escrita de /ɨ/ precisa de uma justificativa, pois este som não existe na maioria das línguas que se utilizam do alfabeto latino. Optamos pelo {y}, apesar de que esta letra represente em Inglês, e, conseqüentemente, em grande parte da tradição americanista, o *glide* [j]. Esta decisão se apóia nos seguintes fatos:

- na sua origem a letra {y} representa uma vogal alta, semelhante ao /i/ (cf. seu nome em Espanhol, ‘i griega’);
- a alternativa mais considerada, em uso por exemplo em Karib do Alto Xingú, seria o {ü}, mas este criaria o problema de combinar o trema com o til;
- seguindo a tradição Tupinista (onde a representação de /ɨ/ por {y} é freqüente), Ruth Monserrat já sugeriu esta representação, e ela já se consolidou.

2.2 Variação entre /ɔ/ e /u/, e entre /ɔ/ e /a/

Há várias palavras em que há variação entre /ɔ/ e /u/ entre diferentes falantes ou mesmo em diferentes ocasiões pelo mesmo falante: [ɲõ'mẽm] vs. [ɲũ'mẽm] ‘beiju de tapioca’; [koj'tã] vs. [kuj'tã] ‘esse’; [mõ'ʔɲẽ] vs. [mũ'ʔɲẽ] ‘já, pronto’; [mo'ʔat̚] vs. [mu'ʔat̚] ‘pessoa (civilizada)’, etc. Não queremos estabelecer uma norma que privilegie um grupo de falantes Awetí diante de outros, e por isso, neste caso, achamos apropriado permitir as duas grafias das respectivas palavras, refletindo as preferências (em um dado momento ou contexto) de cada escritor. Estão, portanto, corretos e aceitáveis tanto {jomem} quanto {jumem} e assim por diante, a critério de cada escritor.

O mesmo vale para o pronome de primeira pessoa ‘exclusiva’ (nós sem você) e o prefixo relacionado, onde encontramos uma variação entre /ɔ/ e /a/: são corretos ambas

⁴ Apoiamo-nos neste trabalho na descrição da fonologia do Awetí elaborado por Drude (no prelo). Utilizamos os símbolos do Alfabeto da Associação Internacional de Fonética (IPA) e, como de costume, indicamos unidades fonéticas por colchetes “[...]”, unidades fonológicas por barras “/.../” e unidades ortográficas por ângulos “{...}”, ou em *negrito e itálico*.

formas, **{ozoza}** e **{azoza}**, **{ozo-}** e **{azo-}**. Inclusive, há indícios que pelo menos para alguns falantes há uma diferença na funcionalidade / semântica destas duas formas.

2.3 Ressilabificação

Em diferentes ocasiões há processos de ressilabificação de /u/ e /ɔ/ para [w], e de /i/ e às vezes de /ɛ/ para [j]: /ɔ- + up + -eju/ → [ɔwpeju] ‘está / há’, /tɔ + -at/ → [twat] ‘quem vai’, /ɔ- + atuk/ → [watuk] ‘ele toma banho’, /tãñ + -ɔkɔ + -at/ → [tãñokwat] ‘quem sempre corre’, /i- + atuk/ → [jatuk] ‘pode tomar banho!’.

O entendimento das regras que regem esta ressilabificação ainda não está detalhado o suficiente para garantir que as regras para a escrita que concordamos sejam de fato as melhores. Por exemplo, parece haver variação entre diferentes falantes; formas como [twat] ou [ijatuk] parecem possíveis para algumas pessoas.

Apesar disto, a regra estabelecida por nós determina que na maioria dos casos é recomendado representar na escrita o **resultado** da ressilabificação e não as formas subjacentes, ou seja, **{twat}** (em vez de **{toat}**), **{watuk}**, **{tanokwat}**, **{jatuk}**.

No entanto, no caso de [ɔwpeju] e similares, o princípio morfológico foi observado, o que determina que as raízes subjacentes devam sofrer o menor número possível de alterações na grafia, escrevendo, então, **{oupeju}**, mantendo a grafia **{up}** para a raiz. De fato, no caso de **{twat}** a vogal ressilabificada /ɔ/ → [w] também é da raiz **{to}**, então há ainda uma diferenciação entre uma vogal inicial (que não é alterada na escrita) e uma vogal final (que pode ser alterada). Ou seja, há uma tendência de representar a ressilabificação somente quando a vogal se torna inicial numa sílaba, mas não quando a vogal entra em posição final. O mesmo vale para os sufixos onde pode acontecer ressilabificação, como no caso de **{tanokwat}** acima, ou no caso do sufixo do futuro nominal, **-(z)an'jap**, que é uma forma gramaticalizada construída a partir do sufixo **!-(z)ãñ** ‘na função de’, com a raiz **/?ɛ/** ‘dizer’ e o sufixo **!-ap/** ‘(nominalização de instrumento)’: **!-(z)ãñ + ?ɛ + -ap/** → **!-(z)ãñ?jap]** ‘(futuro nominal)’, literalmente: ‘o que serve para dizer que está na função de ...’, como em **ite'inĩzan'jap** ‘minha futura rede’ (p.ex. para a matéria prima em processamento, cf. **ite'inĩ** ‘minha rede’).

Admitimos aqui que a nossa compreensão do funcionamento da ressilabificação, e em geral da fonética e fonologia das semivogais ou *glides* ainda não é profunda o suficiente para excluir que no futuro uma reformulação mais detalhada se faça necessária.

3. A representação das consoantes

3.1 Representação básica

O Awetí tem quinze consoantes: /**p, t, k, ʔ, m, n, ŋ, ts, z, (ɣ), (h), w, j, r, l**/.⁵ Não interessa aqui que o status fonológico de /**ɣ**/ e /**h**/ no sistema nativo do Awetí seja particular, pois estes sons de qualquer maneira necessitam uma representação na escrita.

Cada consoante é representada por uma letra ou seqüência de letras do alfabeto latino: (**p, t, k, ʔ, m, n, ng, ts, z, g, h, w, j, r, l**), respectivamente. Em especial a glotal /**ʔ**/ é representada por uma letra que tem a mesma forma que o apóstrofo.

A consoante /**z**/, diacronicamente relacionada a /**r**/, é particular do Awetí ou pelo menos raro entre as línguas Tupí. O mesmo som aparece, no entanto, na língua Wauja / Mehinaku (Aruak) do Alto Xingú. Nessa língua, ela é escrita com a letra (**j**), como inclusive no próprio nome do povo: “*Wauja*” [**wa'uza**] ou até [**wa'uza**] (o etnónimo em Português é tradicionalmente: Waurá). A ortografia do Awetí não adotou a mesma letra (**j**) por este som, mas a reservou para o *glide* /**j**/. Esta, por sua vez, não é escrita com (**y**), inclusive porque o (**y**) em Awetí representa a vogal /**i**/, pelas razões dadas acima. Sobre as variantes pre-nasalizadas de /**p, t, k, ts**/, ver abaixo na seção 5.3 sobre o problema da nasalidade.

3.2 As consoantes nasais no final da sílaba e do morfema

As consoantes /**p, t, k**/ somente aparecem no final da sílaba (em final de morfema) depois de uma vogal oral, não depois de uma vogal nasal (diferentemente de quando no início da sílaba, isto é, no início ou meio da palavra). Ao mesmo tempo, as consoantes /**m, n, ŋ**/ somente aparecem no final da sílaba depois de uma vogal nasal, não depois de uma vogal oral (isto é igual ao comportamento no meio da palavra, pois essas consoantes causam a nasalização da vogal anterior). Assim, o contraste entre oralidade e

⁵ Não consideramos aqui os arquifonemas /**P, T, K, ʔ, ~**/, cf. Drude (no prelo).

nasalidade é neutralizado no fim da sílaba, e por isso há pelo menos duas possibilidades de escrever estas consoantes, em particular as nasais – uma, que fora utilizada de vez em quando e inconsistentemente, foi escrever sempre **(p, t, k)** e marcar a nasalidade na vogal anterior. Uma outra é representar a nasalidade na consoante final. A terceira opção inclui a marcação dupla (redundante) da nasalidade, tanto pelo til quanto pelo **(n)** final. Assim, a palavra /ɔtã̃n/ ‘corre/correu’, com a pronúncia [ɔ̃ntã̃n], poderia ser escrita como **(otāt)** ou como **(otan)**, ou ainda como **(otã̃n)** (entre outras possibilidades menos óbvias).

A terceira opção não prevaleceu exatamente pela redundância. Finalmente optamos pela segunda possibilidade, especialmente para manter a raiz inalterada sempre quando possível, apesar de sufixos. Assim, os dois sufixos aspectuais, /-(z)ɔk/ e /-ju/, não requerem uma mudança na escrita da raiz se esta já termina em /n/: /ɔtã̃nɔk/ continua *otanoko* ‘corria / vai correr’, isto é, *otan*+*oko*, e /ɔtã̃nju/ continua *otanju* ‘está correndo’, *otan*+*ju* (ver também abaixo, seções 4.4 e 5.3).

3.3 Lenição

A consoante /p/, quando fecha a silábica, tem um alofone [β] que aparece diante de vogais. Quando esta vogal pertence à palavra seguinte, o /p/ continua sendo escrito como **(p)**: *eup ok* [ɛuβɔk̚] ‘casa de teu pai’, seguindo o princípio morfológico (da constância da escrita de morfemas). Nestes casos, o fato do /p/ se encontrar no fim da palavra e ser seguido por vogal é suficiente para indicar uma pronúncia como [β]. Mas quando este alofone aparece dentro da mesma palavra, escrevemos **(w)** em vez de **(p)**, como em *atuwyka* /a- + **tup** + **-ika**/ – [atuβika] ‘não vejo / ví’, a mesma letra da consoante /w/.

O mesmo acontece com /t/ e /k/: estes têm os alofones *lenis* [ɾ] e [ɣ], respectivamente, nas mesmas circunstâncias. De novo, na fronteira de palavra a grafia não muda: *eywyt out* [ɛiwɾɔut̚] ‘teu irmão veio’, e *itok oupeju* [itɔɣɔwpeju] ‘tem minha casa’. Mas dentro da palavra, no caso de [ɾ], escrevemos **(r)**: /i- + **kit** + **-itu**/ – [ikiɾitu] ‘que é verde’: *ikyrytu*, a mesma letra como no caso da consoante /ɾ/. No caso do [ɣ] escrevemos **(g)**: /t- + **aɔk** + **-itu**/ – [taɔɣitu] ‘raivoso’: *ta’ogytu*. De fato, todos os **(g)** em Awetí são relacionados a um /k/ em final de sílaba (e muitos **(r)** a um /t/), pelo menos diacronicamente, mas já começou a se desenvolver uma consoante /ɣ/, em pos-

sível contraste com /k/, como em *tigap* [tʃiyap] ‘banco, assento’, que é derivado da raiz que ocorre em *otige* [ɔtʃiyɛ] ‘sentou’.

3.4 Palatalização

Como mostra o exemplo *otige* [ɔtʃiyɛ] ‘sentou’, a consoante /t/, diante da vogal /i/, é palatalizada: [tʃ]. Esta alofonia regular não é representada pela escrita, o /t/ continua sendo representado pela letra (t). Porém, há pelo menos uma palavra que é uma exceção para esta regra: [mɪtʃɪku] ‘rezar’, sem palatalização. Para evitar uma leitura como o esperado *[mɪtʃɪku], escrevemos (th) em lugar do (t): (mythizyku).

Por outro lado, há poucas palavras em que aparece um [tʃ], palatalizado, diante de outras vogais sem ser /i/, como em [mɪntʃõntu] ‘peidar’. Acreditamos que nestes casos há um /i/ subjacente depois do /t/, que foi ressilabificado, e escrevemos (tj): (mytjõntu).

3.5 A glotal /ʔ/

A glotal /ʔ/ é, em Awetí, uma consoante oclusiva e contrasta tanto com as outras consoantes como com a ausência de consoantes. Na escrita, ela usualmente é representada pelo símbolo (ʔ). Este é, portanto, uma letra do Awetí.⁶

No meio de raízes não há razão para dúvidas: onde há o som [ʔ], há o fonema /ʔ/, e escreve-se (ʔ): (moʔat) ‘pessoa’, (taʔok) ‘raivoso’, (naʔyt) ‘filho dele’.

Quanto à glotal inicial, porém, há uma situação mais complexa, pois nem todas as glotais fonéticas necessariamente são fonológicas (e nem todas que são possivelmente fonológicas são lexicais). Podemos diferenciar entre três grupos de morfemas.

(1) A maioria dos prefixos e algumas raízes (em particular, de substantivos inalienáveis) nunca têm e não permitem a glotal quando se coloca algo em sua frente. Nestes casos não escrevemos nunca uma glotal, mesmo que ela possa ser foneticamente inserida em

⁶ Esta letra é de forma idêntica ou quase idêntica com o apóstrofo, mas os dois são funcionalmente diferentes. Portanto, ocupam posições distintas na codificação UNICODE: o apóstrofo comum (de citação, um símbolo de pontuação), tem o código U+2019 (ou U+0027), enquanto a letra para a oclusão glotal tem, em UNICODE, o nome ‘modifier letter apostrophe’ e o código U+02BC.

Esta letra do Awetí nunca deve ser escrito como o apóstrofo de citação de abertura, (‘), mas sempre como uma vírgula levantada, (ʔ), inclusive e especialmente no início de palavra.

certos contextos em que não há prefixos em frente. Por exemplo: *ok* ‘casa’ (*eok* ‘tua casa’), *ap* ‘pelo, cabelinho’ (*kajap* ‘nosso pelinho’), *op* ‘folha (de uma planta)’ (*nop* ‘sua folha’), mas *atup ok* [*atupʔək̚* ~ *atupʔək̚*] ‘vi a casa’.

(2) Algumas outras raízes sempre têm uma glotal, também quando há algo na sua frente (inclusive consoantes). Neste caso, escrevemos sempre a glotal, mesmo quando ela é a primeira letra da palavra: *'ok* ‘raiz’ (*nã'ok* ‘raiz dele’), *'ap* ‘cabelo’ (*kaj'ap* ‘nosso cabelo’), *'akympu* ‘afogar’ (*o'akym* ‘afogou’).

(3) Muitos substantivos alienáveis começam por uma vogal que na fala pode ser ou não precedida por uma oclusão glotal fonética, como [*ĩnĩ* ~ *ʔĩnĩ*] ‘rede’. Quando ocorrem prefixos que marcam a pessoa (esta usualmente se refere a um possuidor), aparece uma glotal entre essa vogal e o /*ɛ*/ do prefixo que marca posse alienável, como em [*ĩntɛʔĩnĩ*] ‘minha rede’. Neste caso, acreditamos que a análise mais adequada é que a glotal faz parte do prefixo de posse alienável, o qual tem um alomorfe /*ɛʔ*/ diante de vogais. Portanto, quando o substantivo ocorre sem prefixos pessoais não escrevemos a glotal, como em *inĩ* ‘rede’. Com prefixos pessoais ocorre o prefixo (*e*'-) e portanto aparece a glotal, como em *ite'inĩ* ‘minha rede’. Quando há perigo de se confundir uma palavra alienável com uma outra, inalienável, podemos, apesar da regra agora descrita, escrever a glotal, como no caso de *'op* ‘folha (de papel), livro, dinheiro’ (*ne'op* ‘papel dele/dela’), que contrasta com *op* ‘folha (da planta)’ (*nop* ‘folha dela’).

Em algumas palavras compostas, onde se encontra uma consoante final (*lenis*) com uma glotal inicial (de uma raiz do tipo (2), acima), há a possibilidade de metátesis, ou seja, a oclusão glotal se manifesta antes da consoante, como em /*kwat* + *ʔip*/ [*kwaʔrɪp̚* ~ *kwarʔɪp̚*] ‘festa do Kuarup’, ou /*ɔ*- + *kām* + *ʔu*/ [*ɔkāmʔũ* ~ *ɔŋkāmʔmũ*] ‘bebe(m) leite do peito’. Neste caso recomendamos seguir, na escrita, a ordem subjacente, ou seja, colocar a glotal depois da outra consoante: *kwar'yp*, *okam'u*.

4. Considerações sobre afixos e partículas específicos

4.1 Prefixos com glotal

Alguns prefixos, em particular de segunda pessoa, começam por uma oclusão glotal:

/ʔɛ-/ 2ª Sg.

/ʔɛʔi-/ 2ª Pl.

É possível verificar esta glotal pelo fato de que não ocorre a lenição de oclusivas finais da palavra anterior. Especialmente no caso do prefixo da segunda pessoa singular, há possibilidade de se confundir a forma com e a sem glotal, como no caso de:

[ãmãnajup̣ʔɛkɪtɛ wɛjkwakup̣] ‘Amanajup quer tua faca’

[ãmãnajuw ɛkɪtɛ wɛjkwakup̣] ‘(alguém) quer a faca de Amanajup’

Por estas observações, e especialmente pela possibilidade de confundir as formas, acreditamos que seja indicado escrever a letra (ʔ) no início da palavra (nomes, verbos nominalizados ou com o sufixo *-tu*, e posposições, mas não no caso de verbos comuns, onde não há perigo de confusão) quando um dos prefixos da segunda pessoa está presente: *'e'ikyte* ‘faca de vocês’, *'etotu* ‘que você foi / tua ida’, mas *eto* ‘você foi’, *'ekyte* ‘tua faca’, mas ... *ekyte* ‘faca de ...’. Em todos os outros casos de prefixos, não se escreve a glotal no início da palavra, apesar dela poder estar presente na fala (apenas foneticamente, ou por causa de fatores de ordem sintática).

4.2 Pronomes

Observações semelhantes às dadas na seção anterior valem para os dois pronomes da segunda pessoa, relacionados formalmente com os prefixos. Os aprendizes da escrita Awetí freqüentemente vinham com a dúvida se deveriam escrever ou não uma glotal nestes pronomes, já que a glotal está obrigatoriamente (e, portanto, fonologicamente) presente e claramente percebida. Decidimos que a glotal deve ser representada na escrita:

/ʔɛn/ *'en* 2ª Sg, ‘tu / você’ /ʔɛʔipe/ *'e'ipe* 2ª Pl, ‘vos / vocês’

Como no caso dos prefixos, esta decisão é a mais recente no estabelecimento das regras ortográficas, e ela ainda tem que ser consolidada na prática e na sala de aula. Assim, no corpus de textos existentes, podem ser encontrados muitos exemplos em que estas formas (inclusive com os prefixos pessoais) estão escritas sem a glotal inicial. Os restantes pronomes pessoais não têm glotal inicial fonológico: *atit* ‘eu’ (fala masculina), *ito* ‘eu’ (fala feminina), *ĩ* ‘ele/ela’ (fala feminina), *kajã* ‘nós (inclusive você)’, *azoza / ozoza* ‘nós (sem você)’, *ta'i* ‘eles/elas’ (fala feminina).

Outros pronomes que merecem uma atenção especial são os pronomes dêiticos e os pronomes pessoais de terceira pessoa (singular e plural), somente na variedade da fala

masculina.⁷ Se estes pronomes ocorrem diante das partículas *a'yn* e *a'yt* em particular, ocorre um /n/ entre estas duas palavras. A questão é a qual palavra este /n/ pertence. Há bons argumentos para as duas possibilidades, uma vez que um processo semelhante não foi descoberto em outras palavras em Awetí.

Como a nasalidade é característica de apenas uma das partículas, mas está presente em todos os pronomes, comportando-se de forma peculiar, optamos por atribuir o /n/ aos pronomes, os quais têm, então, duas formas (determinadas pelo contexto). Apesar da presença do /n/, mantemos o til em cima do /a/, para facilitar a identificação do pronome em questão (seguindo o princípio morfemático).

<i>nã / nã̃n</i>	3Sg, 'ele / ela'	<i>tsã / tsã̃n</i>	3Pl, 'eles / elas'
<i>jatã / jatã̃n</i>	'este / esta'	<i>kujtã / kujtã̃n</i>	'aquele / aquela'
<i>kitã / kitã̃n</i>	'esse / essa'	<i>itã / itã̃n</i>	(part. de topicalização)

4.3 Partículas e posposições que começam com glotal

Algumas partículas começam sempre com uma glotal. Por isso desde muito tempo concordamos em escrevê-las com a glotal inicial. No caso de posposições, esta grafia já segue os princípios para as palavras do grupo (2) em seção 4.3.

Seguem as partículas e posposições frequentes que pertencem a este grupo:

'yto 'então', *'ytoto* 'verdadeiramente, muito', *'apo* 'sobre', *'ywo* 'com (pessoa)', *'a*, *'ẽ* (estas partículas de final de sentença possivelmente indicam um grau elevado de envolvimento emocional do falante; a primeira é utilizada somente por homens).

4.4 Sufixos com uma oclusiva

Falamos em seção 3.3, acima, sobre o processo de lenição de consoantes no fim do morfema diante de vogais (e raras vezes diante da glotal). Este processo ocorre na fronteira de palavras (onde a escrita mantém a grafia da consoante não-lenizada) e em caso de composição e diante de certos sufixos, como *-oko* '(imperfectivo)' *-e'ym* '(negação nominal)', *-(z)an* '(“na função de”)' *-eju* '(ingressivo)' (em caso de verbos estativos), e outros. Há, porém alguns sufixos onde essa lenição não ocorre:

⁷ De fato, estas formas podem estar todas relacionadas; os fatos aqui mencionados são um indício disto.

-(t)u ‘(subjuntivo, nominalização verbal)’, *-ap* ‘(nominalização de instrumento / lugar)’, *-at*, ‘(nominalização de sujeito)’, *-aw*, ‘(gerúndio)’, *-(e)ju* ‘(progressivo)’ (em caso de verbos ativos). Diante destes sufixos, as consoantes /**p, t, k**/ ocorrem em suas variantes fortes [**p, t, k**], e entre as consoantes /**m, n, ŋ, w, j**/ e estes sufixos ocorrem, na fala (no nível fonético), consoantes oclusivas homorgânicas, resultando nas seqüências [**mp, nt, ŋk, wp, jt**], respectivamente.

Na ortografia, estas consoantes ‘adicionais’ são representadas pelas letras (**p, t, k**). Como é mencionado abaixo em seção 5.3, estes são casos em que encontramos as seqüências **(mp)**, **(nt)** **(ngk)** e a seqüência **(nj)**. As células da seguinte tabela contêm, na sua representação ortográfica, os respectivos resultados da combinação de um morfema que termina no elemento à esquerda de cada linha com o sufixo em cima de cada coluna (“V” representa qualquer vogal; observar a interação ‘irregular’ do sufixo *-ju* com um /**t**/, /**n**/ ou /**j**/ final, p.ex.: *otet* ‘dorme’ vs. *oteju* ‘está dormindo’):

	<i>-(t)u</i>	<i>-ap</i>	<i>-at</i>	<i>-aw</i>	<i>-(e)ju</i>
<i>...V</i>	<i>...Vtu</i>	<i>...Vap</i>	<i>...Vat</i>	<i>...Vaw</i>	<i>...Vju</i>
<i>...p</i>	<i>...pu</i>	<i>...pap</i>	<i>...pat</i>	<i>...paw</i>	<i>...peju</i>
<i>...t</i>	<i>...tu</i>	<i>...tap</i>	<i>...tat</i>	<i>...taw</i>	<i>...ju</i>
<i>...k</i>	<i>...ku</i>	<i>...kap</i>	<i>...kat</i>	<i>...kaw</i>	<i>...keju</i>
<i>...m</i>	<i>...mpu</i>	<i>...mpap</i>	<i>...mpat</i>	<i>...mpaw</i>	<i>...mpeju</i>
<i>...n</i>	<i>...ntu</i>	<i>...ntap</i>	<i>...ntat</i>	<i>...ntaw</i>	<i>...nju</i>
<i>...ng</i>	<i>...ngku</i>	<i>...ngkap</i>	<i>...ngkat</i>	<i>...ngkaw</i>	<i>...ngkeju</i>
<i>...w</i>	<i>...wpu</i>	<i>...wpap</i>	<i>...wpat</i>	<i>...wpaw</i>	<i>...wpeju</i>
<i>...j</i>	<i>...jtu</i>	<i>...jtap</i>	<i>...jtat</i>	<i>...jtaw</i>	<i>...ju</i>

4.5 A partícula *me*

A partícula *me*, ocorrendo no final da frase, interage com a última consoante da palavra anterior – esta é foneticamente nasalizada, enquanto a consoante inicial da partícula *me* se adapta, no seu ponto de articulação, à consoante anterior. O resultado na fala é uma só consoante nasal. A ortografia mantém a grafia da consoante final da palavra anterior, mas representa a consoante resultante na partícula. No caso das *glides* /**w**/ e /**j**/, estes

aparecem também na partícula, que recebe o til, nos outros casos não escrito na partícula (já que a vogal da partícula usualmente não manifesta nasalidade). Portanto, as representações fonéticas e escritas são (“V” representa novamente qualquer vogal):

... <i>p</i>	[... <i>mɛ</i>]	... <i>p me</i> <i>m</i>	[... <i>mɛ</i>]	... <i>m me</i>
... <i>t</i>	[... <i>nɛ</i>]	... <i>t ne</i> <i>n</i>	[... <i>nɛ</i>]	... <i>n ne</i>
... <i>k</i>	[... <i>ŋɛ</i>]	... <i>k nge</i> <i>ng</i>	[... <i>ŋɛ</i>]	... <i>ng nge</i>
... <i>w</i>	[... <i>wẽ</i>]	... <i>w wẽ</i> <i>j</i>	[... <i>ɲẽ</i>]	... <i>j jẽ</i>
... <i>V</i>	[... <i>Vmɛ</i>]	... <i>V me</i>				

5. A representação da Nasalidade

5.1 Regras e representação básicas

Em Awetí há uma harmonia nasal, ou seja, um elemento intrinsecamente nasal causa a nasalização fonética de outros segmentos à sua esquerda, fazendo com que a nasalidade possa se estender através de várias sílabas na palavra.

Se a nasalidade está presente em uma palavra, a ortografia procura marcá-la somente uma vez, ou seja, na leitura, a presença de um elemento nasal implica na nasalização dos segmentos passíveis de nasalização à sua esquerda. Assim, os alofones nasais de segmentos nasalizáveis não seriam, na ortografia, distintos dos alofones orais.

Os únicos casos em que pode haver duas vezes marcação de nasalidade na mesma palavra envolvem composições ou um dos prefixos *nã-* ou *ĩ-* ‘ele/ela’ (na fala masculina ou feminina, respectivamente, cf. Drude 2002), que, de acordo com o princípio morfe-mático, sempre mantêm o til, mesmo em contexto nasal (se *tsã* ‘eles/elas’ é considerado prefixo, vale o mesmo). Há perigo de se confundir, em particular, o prefixo *nã-*, com til, com casos em que o prefixo parecido e relacionado *n-* aparece diante de uma raiz que começa por /a/. É necessário determinar qual é a raiz da palavra em questão, usando outras formas, como a da primeira ou segunda pessoa singular.

Exemplo: *na’ang* ‘seu desenho, sua imagem’ (*ita’ang*, ‘minha imagem’, raiz: *a’ang*), vs.: *nã’ang* ‘sua sombra’ (*i’ang*, ‘minha sombra’, raiz: *’ang*).

5.2 Vogais

As vogais intrinsecamente orais não recebem marcação ortográfica especial; em casos de necessidade de marcação de acento, receberiam o acento grave: **à** etc.⁸

As vogais intrinsecamente nasais usualmente são marcadas pelo til (**ã, ã, ĩ, õ, ũ, ÿ**). (Se não for possível usar o til por alguma razão técnica, é permitido e recomendado o uso do trema (**ä, ë, ï, ö, ü, ÿ**) para marcar a nasalidade.) Se a vogal se encontra em uma sílaba fechada por consoante oclusiva, esta consoante será representada por **(m, n, ng)** (ver acima, seção 3.2). Neste caso, a marcação da vogal nasal com o til não é necessária, inclusive se a raiz é seguida por afixos facilmente reconhecíveis (ver abaixo, nas seções sobre o acento, 6.2 e 6.3, para listas e exemplos).

As vogais **sem** nasalidade ou oralidade intrínseca não são marcadas (semelhante às vogais intrinsecamente orais). Na leitura, uma vogal pode e deve ser pronunciada como nasalizada se, na mesma palavra simples, ela é seguida, imediatamente ou com outras letras intermediárias, por uma vogal com til, ou por uma das letras **(m, n)** (inclusive o **(n)** dentro do grafema **(ng)**).

5.3 Consoantes

As consoantes intrinsecamente nasais são **/m, n, ŋ/**, representadas por **(m, n, ng)**, respectivamente. A grande maioria das outras consoantes têm uma variante fonética oral e uma variante nasalizada, que na escrita não são diferenciadas. Na leitura, uma consoante deve ser pronunciada nasalizada nas mesmas circunstâncias das vogais.

Em particular, as variantes pré-nasalizadas [**mp, nt, ŋk, nts**] das oclusivas **/p, t, k, ts/** são escritas **(p, t, k, ts)** e não **(mp, nt, ngk, nts)**. Como foi mencionado em seção 4.4., estas últimas seqüências de letras podem, no entanto, aparecer, mas somente quando uma consoante oclusiva que fecha uma sílaba (o último segmento de uma raiz ou um sufixo) se encontra diante de sufixos ou outras raízes que começam com uma oclusiva, em particular, as variantes dos sufixos **-(t)u, -ap, -at, -aw, -(e)ju**: **ko'empu** (**ko'em+pu**,

⁸ As únicas palavras onde isto foi considerado são os pronomes demonstrativos, na fala masculina, que poderiam ser escritos **(jâtã)**, **(kîtã)** e **(kùjtã)**, e a partícula relacionada **(itã)**, cf. seção 4.2. Porém, essas formas são tão poucas, tão frequentes e de tão fácil identificação que a marcação não parece necessária.

‘o amanhecer’), *tantat* (*tan+ -tat*, ‘quem corre’), *o’apazungkeju* (*o+’apazung+ -keju*, ‘está se deitando’). O princípio morfemático determina aqui que não haja, por exemplo, uma representação puramente segmental (por exemplo, **(ko’ēpu)* em vez do correto **(ko’empu)*; as duas grafias resultariam na leitura desejada *[kõʔẽmpu]*).

Há muito poucos casos em que a variante nasal do *glide* /j/ é marcada na escrita, pela seqüência de letras **(nj)**. Isto acontece particularmente na palavra com a raiz *njyt* ‘irmã (do homem)’, como em *injyt* ‘minha irmã (diz um homem)’, *enjyt* ‘tua irmã’, etc.

Quando o sufixo *-ju* ‘(progressivo)’ ocorre depois de uma raiz que termina em /n/, também ocorre a mesma seqüência **(nj)** na grafia, onde na fonética também temos o som nasal [ɲ]. Isto se deve, mais uma vez, ao princípio morfemático. Por exemplo escrevemos **(otanju)** ‘está/estão correndo’ de /ɔ- + **tãn** + **-ju**/ com a pronúncia *[õntãju]*, o que em princípio poderia ser escrito **(otãju)*, se não fosse pelo sufixo *-ju* que aqui ocorre depois de uma raiz que termina em /n/.⁹

6. Palavras e acentos

6.1 Considerações gerais

Logo nos primeiros anos decidimos não usar acentos gráficos em Awetí a não ser o til que marca nasalidade (ver acima, seção 5.2). Em recentes discussões, consideramos de novo a possibilidade de introduzir, em algum ponto do futuro, acentos como o acento agudo (´) ou grave (`), porém, por enquanto não temos certeza em quais circunstâncias isto seria indicado e qual é a necessidade, pois a sílaba tônica é previsível em quase todas as formas de palavras que ocorrem em textos escritos em Awetí. Em palavras simples sem sufixos, o acento usualmente ocorre na última sílaba da raiz.

Assim como no caso dos *glides* e da ressilabificação, estamos cientes de que a distribuição das sílabas tônicas em Awetí ainda requer mais estudo. Por exemplo, há vários casos em que parece ter mais do que uma sílaba tônica na mesma palavra, ou ao mesmo tempo, ou com oscilação do acento entre as sílabas em questão de enunciado a

⁹ De fato, a forma **(otãju)**, homófona com **(otanju)**, existe e significa ‘está/estão esperando’, de *tãtu*, ‘esperar’, raiz: *tã*.

enunciado. Também precisamos estudar melhor a manifestação concreta do acento (altura e/ou intensidade, alongamento, nasalidade, força das consoantes oclusivas etc.).

Vamos classificar, no que segue, os sufixos e as partículas conforme suas propriedades de atrair ou admitir o acento tônico. Por acento tônico, entendemos, aqui, a saliência na fala de uma sílaba dentro de uma palavra fonológica, indicando sua capacidade de nela se manifestar uma acentuação sintática (como um acento contrastivo).

No final desta seção clarificamos as regras para a separação ou junção de unidades em palavras ortográficas.

6.2 Sufixos que atraem o acento

Poucos sufixos mudam a posição do acento tônico para a direita quando são combinados com uma raiz ou uma palavra que já contém um outro sufixo.

O sufixo do progressivo *-(e)ju* é um exemplo disto: quando ele aparece na sua variante *-eju* – tanto com verbos ativos, onde aparece uma consoante oclusiva diante do /ɛ/, (ver seção 4.4), como com verbos estativos, onde ocorre lenição (ver seção 3.2). Nos dois casos, o acento tônico recai na sílaba que contém o /ɛ/ do sufixo.

Outros sufixos são *-tut* ‘querer’ e *-(p)ut* ‘passado nominal’.

Indicamos, no que segue, a sílaba tônica sublinhando a vogal em questão.

-eju (verbo estativo) : *ita'ok* ‘estou com raiva’ – *ita'ogeju* ‘estou estando com raiva’;

-eju (verbo ativo) : *ajatuk* ‘tomo banho’ – *ajatukeju* ‘estou tomando banho’.

-tut (usualmente com *-ju*: *-tuju*) : *ajatuk* ‘tomo banho’ – *ajatuktuju* ‘quero tomar b.’

-ut : *itok* ‘minha casa’ – *itogut* ‘minha antiga casa’.

6.3 Sufixos que não atraem o acento

A grande maioria dos sufixos (que, de qualquer maneira, são poucos em Awetí) não altera a posição do acento. Na leitura, quando se identifica a presença de um ou vários destes sufixos, significa que o acento continua na sílaba tônica, usualmente, na última sílaba da raiz (ou em sílaba de um sufixo tônico, ver a seção anterior). A lista de sufixos com esta propriedade inclui:

-an ‘(“na função de”)', *-ap* ‘(nominalização de instrumento / lugar)', *-at* ‘(nominalização de sujeito)', *-aw* ‘(gerúndio)', *-e'ym* ‘(negação nominal)', *-ju* ‘(progressivo)’ (na va-

riante sem /ε/), **-ka/-yka** ‘(negação verbal)’, **-(t)u** ‘(subjuntivo, nominalização verbal)’, **-ytu** ‘(“o que é...”’), **-za** ‘(grupal)’, **-zan** ‘(“na função de”’), **-(z)oko** ‘(imperfectivo)’.

Exemplos:

-(z)oko : **ajatuk** ‘tomo banho’ – **ajatugoko** ‘eu tomava banho / continuo tom. banho’.

-(t)u : **ajatuk** ‘tomo banho’ – **itatuku** ‘que tomo banho’ – (depois do sufixo tônico **-(e)ju**): **itatukejutu** ‘que estou tomando banho’.

-(z)oko e **-(t)u** : **ajatuk** ‘tomo banho’ – **ajatugokotu** ‘que eu tomava banho / que continuo tomando banho’.

6.4 Partículas que levam acento

As palavras não-flexionáveis, comumente chamadas de ‘partículas’, também se diferenciam por terem ou não a capacidade de carregar acentuação sintática.

Algumas partículas contêm sílabas que são ‘tônicas’ neste sentido, isto quer dizer, sílabas que são salientes na sentença e podem carregar acentuação sintática. Este grupo inclui partículas sentenciais (que podem ser enunciadas sozinhas): **an** ‘não’, **ehē** ‘sim’, **wan** ‘e então? (para perguntas)’, várias partículas ‘de segunda posição’ (ou que seguem à palavra que modificam): **etsan** ‘(“temporariamente”’), **tepe** ‘em vão’, **tut** ‘(futuro)’, **(t)utepe** ‘(irrealis)’, **wazotsu** ‘(“qualquer”’), **wene** ‘(“ainda”’), **wezanu** ‘de novo’, **wezotsu** ‘somente’, **wian** ‘(“temporariamente”’), **’yto** ‘então’, **’ytoto** ‘verdadeiramente, muito’, **zotsu** ‘mesmo’, **zanu** ‘também’, e algumas partículas ‘finais’: **’a** e **’ē** (indicando um grau elevado de envolvimento emocional do falante), **me** (sem tradução clara), e a partícula **koj** ‘ao que parece’ (sem posição fixa).

6.5 Partículas que não levam acento

Outras partículas não parecem poder receber nunca acentuação sintática, ou seja, não contêm nenhuma sílaba tônica. Quanto ao acento, estas partículas se comportam como clíticos (dependem de uma palavra, usualmente a anterior, que tem uma sílaba tônica). A lista destas partículas inclui várias partículas ‘de segunda posição’ na frase: **a’yt** (indica empatia do falante), **ti** ‘dizem que’ (evidencial), **tuti** e **weti** ‘para que não’, e algumas partículas ‘finais’: **a’yn** (sem tradução clara) e **ika** ‘aparentemente’.

6.6 Palavras ortográficas

As listas de sufixos e partículas acima também são um auxílio para determinar as fronteiras de palavras (gramaticais) da língua. Em geral, a escrita respeita esta diferença entre palavras e afixos, ou seja, cada um dos sufixos acima mencionados se escreve junto com a raiz da palavra (ou outro sufixo), enquanto as partículas são separadas da palavra anterior por um espaço, até mesmo as partículas clíticas listadas na seção 6.5.

O mesmo vale para as posposições, apesar delas não terem autonomia sintática (não podendo ocorrer sem uma palavra complemento ou um prefixo na sua frente) e algumas nem autonomia fonológica (quando o acento recai na palavra antes da posposição e não nela mesma; é verdade que nestes casos ainda há dúvidas se trata de sufixos de caso ou de posposições verdadeiras). Gramaticalmente são palavras independentes e na escrita são separadas da palavra anterior (inclusive quando aparecem na variante com um *y*-inicial para evitar o encontro entre duas consoantes):

Awajurupa kyty ‘para Awajurupá’, *me ywã* ‘ao longo do caminho’, *ok ywo* ‘na casa’.

Os prefixos de pessoas de substantivos (que indicam posse ou uma outra relação similar) *i(t)-* ‘1sg’, *'e-* ‘2sg’, *n(ã)-* ‘3’, *i-/t-* ‘3’, *o-/w-* ‘3refl.’, *kaj-* ‘1+2Pl’, *azo-/ozo-* ‘1\2Pl’, *'e'i-* ‘2Pl’ são escritos juntos: *kajtĩ* ‘nosso bico’ (também para a região do corpo humano ao redor da boca), e o mesmo vale para os prefixos verbais *a(t)-* ‘1sg’, *'e(t)-* ‘2sg’, *jo(t)-* e *i-* ‘2sg.imperativo’, *o-/w-* ‘3’, *wej(t)-* ‘3’, *tĩ(t)-* ‘1+2Pl’, *azoj(t)-/ozoj(t)-* ‘1\2Pl’, *pej(t)-* ‘2Pl’ (para mencionar somente os que têm uma forma diferente dos prefixos de posse), e ainda para prefixos que ocorrerem entre estes prefixos de pessoa e a raiz, como a marca para causativização *mo-/w-*, para o comitativo *(z)e(z)-/ zo-*, o reflexivo *te-*, o recíproco *to-*, o nominalizador de objeto *mĩ-*, o ‘antipassivo’ *po(r)-* e alguns poucos outros.

Quando as posposições levam a marcação da pessoa (inclusive o prefixo da terceira pessoa do singular, *nã-*, que é igual ao pronome da terceira pessoa singular, na fala masculina), estas marcas são prefixos e são escritos juntos com a posposição – somente poucas posposições, como *ta* ‘com’, não levam estes prefixos, e neste caso ocorrem os plenos pronomes de pessoa, que são escritos separados:

ekyty ‘para você’, *nãpe* ‘a ele’, mas *en ta* ‘contigo’.

No caso da terceira pessoa do plural, tratamos esta como pronome independente, e o separamos da posição, igual aos pronomes demonstrativos:

tsã kyty ‘para eles’, *tsã pe* ‘a eles’, *kitã pe* ‘para este’, *tsãn eze* ‘misturado com eles’.

Só no caso de lexicalizações cabe a escrita em uma só palavra ortográfica:

nãnype ‘lá’, *kitãnype* ‘lá (longe)’.

O mesmo vale para a diferença entre composições e construções sintáticas (‘genitivas’). Estas são difíceis de se distinguir em Awetí. A ortografia, portanto, recomenda escrever dois substantivos separados quando em construção genitiva, a não ser que se trate de lexicalização, a qual é escrita em uma só palavra (um critério para isto é que o sentido da construção não é previsível a partir dos sentidos das duas palavras que a compõem). Se ocorre o prefixo *e-* (ou sua variante *e’-* diante de vogais), este é escrito junto com a palavra seguinte, ver acima seção 3.4, ponto (3):

Karitu ok ‘casa de Karitu’, *muzak tĩ* ‘bico do pássaro’, *kujãkyt ekyte* ‘a faca da menina’, *kaminu’at e’inĩ* ‘a rede do menino’, mas: *mani’oky* ‘perereba’ (bebida doce feito da água que sobra de lavar a mandioca ralada, palavra originalmente composta de *mani’ok* ‘mandioca’ e *y* ‘água’).

Se a segunda palavra numa construção é um verbo (nominalizado ou com *-(t)u*), o complemento que o precede (‘absolutivo’, ou seja, o sujeito no caso de verbos intransitivos, mas o objeto no caso de verbos transitivos) é escrito separadamente:

Karitu totu ‘que Karitu foi; a ida de Karitu’, *mõj kÿjtat* ‘matador de cobra’, *mo’at emĩtup* ‘o que foi/é visto pela pessoa’.

7. A ordem alfabética

Ao estabelecer uma ordem canônica para as letras em Awetí, para diversos fins (p.ex., para sua enumeração no ensino, para ordenar as entradas em um dicionário etc.), em geral seguimos a ‘ordem alfabética’ comum para línguas com a escrita latina. Há, porém, algumas questões a resolver.

Com certa frequência, a ordem alfabética para línguas indígenas reserva uma posição para a representação de cada fonema, mesmo se esta representação for uma combinação

de letras.¹⁰ Possivelmente, isto se deve ao fato de que as ortografias se baseiam muito diretamente na análise segmental da fonologia da língua, e querem ser fiéis a esta análise, e facilitando, assim, a identificação das unidades fonológicas. Também é possível que haja influência de ortografias como a do espanhol, onde o **(ll)**, por exemplo, é uma ‘letra’ com uma posição à parte.

Ora, para pessoas que estão adquirindo a escrita de uma língua, (falantes nativos ou não), este arranjo sempre significa uma complicação adicional e é uma fonte para erros e frustrações. Outras ortografias não insistem em manter, também na ordem alfabética, os dígrafos com valor fonêmico – por exemplo, em inglês não há uma posição à parte para o **(sh)**; este dígrafo (que representa o fonema /ʃ/) é simplesmente tratado como a seqüência de **(s)** e **(h)**, e o mesmo vale para **(ch)** e **(sch)** em alemão.

Ao determinar a ordem alfabética Awetí, optamos por essa segunda maneira de lidar com dígrafos – tratamos, então, o **(ts)** como a seqüência das letras **(t)** e **(s)** (sendo que o **(s)** só ocorre, em palavras nativas do Awetí, junto com o **(t)**, como em Português o **(q)** nunca ocorre sem que a letra contígua seja o **(u)**).

Uma outra questão é o status da letra para a glotal, **(ʔ)**. De novo, é comum que esta letra ocupe uma posição separada (usualmente no final do alfabeto), e de novo, isto pode ser uma fonte de constantes dificuldades para aprendizes da escrita da respectiva língua. Em Awetí, lembramos a distinção nada trivial dos três grupos de palavras estabelecida em seção 3.4. – é muito provável que um aprendiz da escrita Awetí tenha que procurar certas palavras em várias posições antes de achá-las.

Por isto determinamos que a glotal seja ignorada na determinação da ordem alfabética de palavras, ou seja, a palavra **'ap** ‘cabelo principal’ se encontrará ao lado da palavra **ap** ‘cabelinho, pelo’, na seção das palavras que começam com a vogal /**a**/. Se duas palavras se diferenciam **somente** pela ocorrência ou não da glotal (como neste caso), a palavra com a glotal é colocada **depois** da palavra sem glotal (primeiro **ap**, depois **'ap**, mas somente depois **apaj** e depois deste **'apo**, por exemplo).

¹⁰ Falamos de um dígrafo ou ‘multígrafo’, se duas ou mais letras são combinadas, como no caso do alemão **(sch)**, que representa o som /ʃ/ – função que em português tem o dígrafo **(ch)**.

O mesmo vale para a ocorrência do til em cima de uma vogal – esta é ignorada na ordem principal de palavras, mas no caso em que duas palavras se diferenciarem somente pelo til, a palavra com til é colocada depois da palavra sem ele.

A ordem alfabética do Awetí é, então, considerando somente letras que podem ocorrer em palavras nativas do Awetí:

A, E, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, R, S, T, U, W, Y, Z.

Além destas, há uma letra sem posição no alfabeto: ⟨'⟩ – se for necessário enumerar todas as letras em si, esta é colocada no final da lista.

Como exposto acima, os dígrafos do Awetí são tratados como seqüências de letras:

⟨ng⟩ como a seqüência de **⟨n⟩** e **⟨g⟩**, e também

⟨ts⟩ como **⟨t⟩** seguido por **⟨s⟩**.

Letras do Awetí que não ocorrem no início de palavras (exceto em certas partículas clíticas, onde em particular **⟨z⟩** pode ocorrer no início) e que, portanto, não devem constituir capítulos no dicionário, são:

G, R, S, Z.

Também o som /ŋ/, e portanto na escrita o dígrafo **⟨ng⟩**, não ocorrem no início de nenhuma palavra, a não ser na partícula *me* (final de sentença) depois de uma palavra que termina em /k/ ou /ŋ/, quando esta partícula apresenta a variante *nge* (cf. seção 4.5). No entanto, esta forma *nge* é listada entre as palavras *nezuatu* ‘acreditar’ e *nikatu* ‘procurar’, já que dígrafos não são considerados como letras à parte.

Caso outras letras ocorram em palavras a serem incluídas em listas alfabéticas, por exemplo palavras emprestadas do Português, estas vão ser colocadas na sua posição comum no alfabeto do latim ou de outras línguas. Aqui incluímos estas letras em itálico:

A, *B, C, D*, E, *F*, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, *Q*, R, S, T, U, *V, W, X*, Y, Z, '.

8. Conclusão

Descrevemos acima o sistema da escrita do Awetí e como este surgiu num processo colaborativo entre um lingüista e a comunidade, em particular os dois professores Awetí, sendo constantemente refinada com base no progresso do estudo lingüístico e na

discussão dos problemas e sugestões que surgiram na sala de aula e dos primeiros usuários da escrita do Awetí.

Como demonstramos aqui, a ortografia não apenas estabelece a representação das vogais e das consoantes do Awetí, mas também teve que resolver problemas da escrita no caso de variação interna, ressilabificação, lenição, palatalização e outros processos (morfo-)fonológicos. A representação escrita da oclusão glotal foi objeto de atenção especial bem como as conseqüências ortográficas da harmonia nasal.

Apesar de que o acento lexical não seja marcado em Awetí, a grande maioria dos afixos e partículas foi abordada considerando o acento e sua interação com morfemas adjacentes, ao mesmo tempo determinando as palavras ortográficas. Finalmente foi estabelecida a ordem alfabética, onde dígrafos são tratados como seqüências de letras, e a glotal (ʔ) é ignorada, facilitando o aprendizado do Awetí.

Em geral, o sistema da escrita do Awetí agora é consolidado, e ele foi empregado (usualmente consistentemente, mais ou menos na forma atual) ao transcrever um amplo corpus de textos orais coletados nos anos 1998 a 2005. Somente menores detalhes necessitam ainda de mais estudo e possivelmente de um refinamento das regras, notadamente a questão dos *glides* depois de consoantes (em particular no caso de ressilabificação) e a da necessidade ou não da representação do acento lexical em pelo menos algumas palavras.

Acreditamos que as regras de escrita da língua Awetí acima estabelecidas e expostas comprovem no uso que são apropriadas, isto é, que estão em sintonia com a estrutura da língua. Esperamos que, assim, sejam de utilidade para os seus usuários, contribuindo para fortalecer a língua Awetí.

Referências

- DRUDE, S. Fala masculina e feminina em Awetí. In: A. S. A. C. Cabral e A. D. I. Rodrigues (Ed.). Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Editora UFPA, v.Tomo 1, p.177-190. 2002.
- . A fonologia da língua Awetí. Submetido para a publicação em Línguas Indígenas Americanas - LIAMES, IEL / UNICAMP. No prelo.
- EISENBERG, P. Orthographie und Schriftsystem. Em: K. Günther e H. Günther (Ed.). Schrift, Schreiben, Schriftlichkeit. Tübingen. 1983.
- EMMERICH, C. e R. M. F. MONSERRAT. Sobre a fonologia da língua Aweti (Tupi). Boletim do Museu Nacional N.S. Antropologia, v.25, p.1–18. 1972.
- FRANCHETTO, B. A guerra dos alfabetos: Os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. Em: MANA: Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS / Museu Nacional. No prelo.
- FUHRHOP, N. Orthografie. Heidelberg: Winter. (Kurze Einführungen in die germanistische Linguistik, Vol. 1). 2005.
- MEIRA, S. O lingüista e a ortografia indígena: o caso da língua Bakairi. Revista de Estudos e Pesquisas. Brasília: FUNAI: CGEP/CGDOC, v.1.2, p.73–99. 2004.
- MONSERRAT, R. M. F. Notas sobre a morfofonêmica Aweti. Rio de Janeiro. Manuscrito para apresentação oral. 1976.
- . Proposta de um alfabeto para a língua Aweti. Manuscrito. 1992.
- TRONCARELLI, M. C. e S. DRUDE, Eds. Awytyza Ti'ingku. Livro para alfabetização na língua Awetí. São Paulo: Instituto Socio-Ambiental, p.72, 1ª ed. 2002.